

A FORMAÇÃO MILITANTE DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA PELA PERSPECTIVA DA AGITAÇÃO E PROPAGANDA

Beatriz Valquíria Ribeiro (Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ)¹
Carina Maria Guimarães Moreira (Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ)²

RESUMO

O presente trabalho desenvolveu-se no âmbito da Iniciação Científica “Os pressupostos da cena dialética: Agitprop, teatro político e a formação política de base nos movimentos sociais”, onde foram investigados e expostos aspectos observados na formação militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra pela perspectiva da Agitação e Propaganda. A pesquisa de Iniciação Científica foi desenvolvida dentro do Coletivo Fuzuê – Núcleo de Estudos em Teatro Político do Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena, coordenado pela Professora Carina Maria Guimarães Moreira, na Universidade Federal de São João Del Rei.

PALAVRAS-CHAVE

Agitação e propaganda; agitprop; teatro político; movimentos sociais.

RESUMEN

El presente trabajo se desarrolló en el ámbito de la Iniciación Científica "Los supuestos de la escena dialéctica: Agitprop, el teatro político y la formación política básica en los movimientos sociales", donde se investigaron y expusieron aspectos observados en la formación militante del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra desde la perspectiva de la Agitación y la Propaganda. La investigación de Iniciación Científica fue desarrollada dentro del Colectivo Fuzuê – Centro de Estudios en Teatro Político del Grupo

¹ Graduanda de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de São João Del Rei, atriz e pesquisadora do Coletivo Fuzuê (grupo de pesquisa, prática e extensão de teatro político) do GPHPC (Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena).

² Professora do Departamento de Artes da Cena e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ e coordenadora do Coletivo Fuzuê de Teatro e do Núcleo de Estudos em Teatro Político do Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena (CNPq) – NETEP/GPHPC, do qual também é vice-líder.

de Investigación en Historia, Política y Escena, coordinado por la profesora Carina Maria Guimarães Moreira, de la Universidad Federal de São João Del Rei.

PALABRAS CLAVE

Agitación y propaganda; agitprop; teatro político; movimientos sociales.

"O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la!"
(Augusto Boal)

O trajeto que culmina na pesquisa *A formação militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) pela perspectiva da Agitação e Propaganda* iniciou-se com meu ingresso no Coletivo Fuzuê — grupo de teatro universitário formado com discentes da graduação e pós-graduação em Artes Cênicas da UFSJ, que desenvolve metodologicamente investigações cênicas, conjugando teoria e prática teatral — do Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena (GPHPC)³ no primeiro semestre da minha graduação de licenciatura em teatro pela Universidade Federal de São João Del Rei (2016 - 2021).

A partir dos trabalhos concebidos no âmbito do Coletivo Fuzuê que se estendem para além das circulações artísticas de duas produções cênicas, Fuzuê (2016) — que deu origem ao nome do Coletivo — e Confere (2018), houve a possibilidade da aproximação com movimentos sociais como o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM)⁴, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)⁵ e experimentações coletivas em

³O Grupo de Pesquisa em História, Política e Cena (UFSJ) propõe o aprofundamento de investigações que busquem uma radical articulação entre teoria e prática na pesquisa cênica, com foco tanto para aspectos analíticos das cenas do passado quanto para procedimentos da cena contemporânea, tendo a problematização do político como eixo articulador das motivações e enfrentamentos. De forma geral, o Grupo de pesquisa articula suas ações a partir das pesquisas individuais, em diálogo. Dele nasce o Núcleo de Estudos de Técnicas e Ofícios da Cena – NETOC, coordenado por Berilo L D Nosella (DEACE), desenvolve investigações acerca da história do fazer teatral e de seus elementos, com ênfase atual na iluminação cênica, tanto por meio de investigações histórico historiográficas como por meio da realização de laboratórios cênicos; o Núcleo de Estudos em Teatro Político – NETEP, coordenado por Carina M G Moreira (DEACE), investiga a presença do político na cena, onde por meio de estudos laboratoriais e teóricos; deste desenvolveu-se o Coletivo Fuzuê.

⁴Fundado em 2012, o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) é um movimento popular presente em nove estados, além do Distrito Federal que busca primordialmente o debate de um novo modelo de utilização dos bens minerais que represente a soberania popular e nacional sobre tais bens, visando o bem estar de todo povo brasileiro.

⁵Organizado em 24 estados nas cinco regiões do Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é um movimento social brasileiro fundado oficialmente em 1984 visando essencialmente a ampla Reforma Agrária, com caráter popular, para garantir acesso à terras em situação ilegal e desapropriadas pelo Governo para todos os que nelas trabalham. O movimento conta com diversas frentes de trabalho e atualmente existem cerca de 350 mil famílias que conquistaram terras por meio da luta e organização contra o latifúndio ilegal.

oficinas referentes ao teatro de agitprop⁶ com os mesmos durante o programa de extensão “Fuzuê vai à campo” coordenado pela docente Prof. Dra. Carina Maria.

Ainda enquanto efeito dessa relação com movimentos sociais, no ano de 2018 o experimento Fuzuê foi apresentado na programação artística do I Encontro Nacional do MAM, na cidade de Parauapebas/PA; no mesmo ano participei do II curso de formação de militantes do MAM: *Introdução ao Problema Mineral no Brasil*, com duração de 45 dias na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)⁷, onde participei ativamente do cotidiano formativo da militância e suas múltiplas formas político pedagógicas, tendo a agitação e propaganda um espaço amplo dentre os métodos formativos.

Já no ano de 2019, participei do II curso de formação oferecido para militantes do MST na Escola de Artes da Região Sudeste⁸, onde permaneci por 13 dias em imersão artística/militante formativa específica no âmbito teatral e musical, com desenvolvimento de trabalhos significativos de coros e formas cênicas agitpropistas durante a pesquisa de iniciação científica “Os pressupostos da cena dialética: Agitprop, teatro político e a formação política de base nos movimentos sociais” do qual fui bolsista de 2019 até 2020, desenvolvendo uma investigação histórico/estética do teatro de agitprop e suas possibilidades pedagógicas, enfatizando sua relação com as questões sociais de seu tempo e os desdobramentos desse método na formação militante dos movimentos sociais, especialmente no MST.

Neste sentido, observei ativamente aspectos da agitação e propaganda, difundida principalmente no cenário russo pré-revolucionário, presentes na formação militante diária e artística dos membros da Escola de Artes da Região Sudeste durante os 13 dias de imersão, discorrendo ações presenciais dentro da formação que culminam em ações agitpropistas.

⁶Abreviação de agitação e propaganda.

⁷Inaugurada em 2005, a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), em Guararema, Região Metropolitana de São Paulo, é um centro de educação e formação, idealizado e construído tijolo a tijolo pelos trabalhadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, sendo referência internacional por unir a teoria à prática política com professores e intelectuais voluntários tendo enquanto objetivo possibilitar a formação política de organizações populares de todo o mundo, oferece cursos com durações variadas para militantes, dirigentes e quadros de organizações e movimentos que lutam pela construção de mudanças sociais no Brasil ou em outros países.

⁸A Escola de Artes da Região Sudeste é um projeto construído pela cantora Titane com participação do diretor e dramaturgo João das Neves em conjunto ao MST, realizada pela primeira vez em 2017 com a I Escola de Artes da Região Sudeste, tendo como objetivo a transformação social por meio da transformação humana cultural. A escola oferece aulas teóricas e oficinas práticas com diversos orientadores que abrangem temas que vão de questões socioeconômicas à questões de gênero; e também são oferecidas oficinas com conteúdos que abrangem desde percussão à artes plásticas, sempre realçando a construção de um coro cênico. Atualmente, após o encerramento da segunda turma de 2019, a Escola recebeu o nome de “Escola de Artes João Das Neves”.

AGITPROP E SUA FORMA CÊNICA

É impossível separar contextos sociais e políticos da enunciação da agitação e propaganda, principalmente no cenário russo. A fim de promover a união entre camponeses, operários e soldados em meio a conflitos políticos que tinham como eixo a revolução proletária, o teatro de agitprop se formou com o objetivo de agitar as massas, encorajar a arte itinerante, estimular a acessibilidade do povo a intervenções político-culturais e dar alento aos projetos políticos da revolução.

Perante a alta taxa de analfabetismo nas classes populares da Rússia pré-revolucionária, o teatro de agitprop significou um importante instrumento de disseminação das ideias revolucionárias, conservando crescente acúmulo de técnicas que envolvem a colaboração de recursos plásticos, sonoros e linguísticos, aplicadas na prática a partir da segunda parte da Revolução, em outubro de 1917, denominada Revolução Vermelha. Para atingir o uso das técnicas citadas, o agitprop vem forjando diversos recursos desde o início dos movimentos de 1905 até os dias atuais.

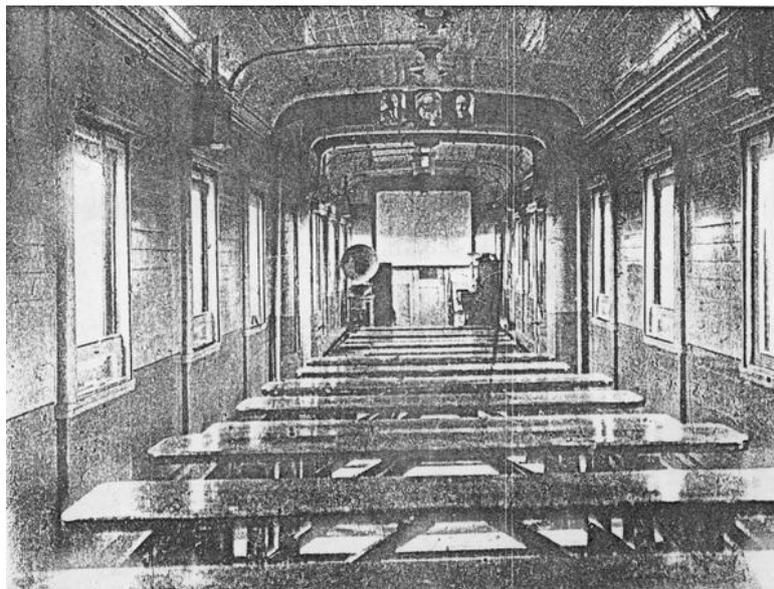
O teatro jornal foi o método de maior uso durante a guerra civil (1918-1921), diferente da forma atualmente conhecida e aperfeiçoada por Augusto Boal, consistia — de forma resumida e simplista — na leitura de jornal em voz alta. Outra modalidade era constituída de peças curtas de agitação, utilizadas para denunciar assuntos emergenciais em meio ao cenário de caráter construtivo. Neste cenário, peças dialéticas traziam aos agitadores e público debates posteriores a apresentação da montagem e estimulava o aspecto didático e formativo, procurando uma abertura para o uso de elementos artísticos gerais que favorecessem o vínculo com a população. Nessa perspectiva, apenas as técnicas contidas dentro dos métodos de agitação e propaganda não são suficientes para o alcance da transformação social, que foi e é o eixo desse tipo de teatro. São necessários — dentre tantas outras necessidades — debates e estímulos críticos para o fomento da revolução, que é coletiva.

O agit-train é um exemplo do uso de diversos elementos artísticos a favor da comunicação para com a população. Alguns trens que percorriam linhas ferroviárias da Rússia tinham panfletos impressos distribuídos por suas janelas, desde o início da guerra civil, a fim de fortalecer o apoio à revolução proletária; contavam também com cartazes e

jornais distribuídos ao povo, uma câmara escura para a produção de fotografias, toca-discos e projetores para exposição de filmes referentes aos interesses da luta proletária, sendo alguns filmes produzidos expressamente para a mostra nessas salas de projeção.



Agit-train *Revolução de Outubro* / Vertov-Coleção, Museu do Cinema austríaco



Sala de projeção dentro do agit-train *Revolução de outubro*
/ coleção Vertov, Museu Austríaco de Cinema

Em *As Fases Históricas do Agitprop Soviético* (ESTEVAM, COSTA, VILLAS BÔAS, 2015, p. 62) é notável que, em meados de 1918, a corrente do auto ativismo aliou significativamente à luta proletária grupos vinculados a fábricas, sedes de bairros, sindicatos

e associações profissionais, favorecendo a manutenção e formação de novos coletivos autônticos que desenvolviam jornais vivos, encenação de peças alegóricas, adaptações de gêneros já conhecidos e peças dialéticas e de agitação; tomando um enfático distanciamento dos moldes do teatro profissional. Os grupos organizados não tinham como objetivo a reprodução do teatro institucionalizado, não almejavam encenar a ilusão de um romance ideal tampouco uma briga familiar por herança; o objetivo do teatro de agitação e propaganda, mesmo que em seu pontapé inicial, era a transformação social estimulada pela linguagem teatral.

A ARTE NO MST

Não somente a fim de estimular a classe trabalhadora à organicidade da luta social, a arte sempre esteve presente nos processos de formação da militância dentro dos movimentos sociais brasileiros. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra retém em seus cursos de formação aulas práticas e teóricas sobre poesia, dança, teatro, música e artes plásticas. Desde sua fundação, o MST preserva expressões artísticas como ingrediente primordial na perspectiva pedagógica da mobilização, guiando a cultura política a favor da luta camponesa.

Em entrevista disponível no site oficial do MST, Luz Helena (2019), integrante do Coletivo de Juventude Sem Terra e do Setor de Cultura do MST no estado do Ceará, expressa a relevância da arte no MST: “Compreendemos que a arte tem dimensões fundamentais para a nossa organização, numa perspectiva humanizadora, mobilizadora e pedagógica na formação da consciência do povo trabalhador.”. Luz Helena também destaca a importância da arte e do teatro contidos na Revolução Vermelha para o MST, dizendo:

Também nos deixa um legado importante a Revolução Russa de 1917, quando através da arte, principalmente do teatro, os Bolcheviques construíram processos organizativos para conscientizar uma população que na sua maioria era analfabeta, cumprindo um papel fundamental para a construção da revolução proletária, agitação e propaganda.

Cultura é a nossa forma de viver, nossos valores, hábitos, costumes, forma de pensar, é o nosso modo de existir e se relacionar com as pessoas e com o nosso meio. A palavra cultura tem a sua raiz na palavra cultivar, está ligada ao campo. Para nós a cultura camponesa significa ocupar a terra, trabalhar na terra, viver na terra. Nosso projeto de Reforma Agrária Popular é o nosso programa cultural para o campo brasileiro. (HELENA, 2019)

O entendimento artístico dentro do movimento perpassa sempre pelo viés político, rompendo com o caráter de puro entretenimento, estimulando a classe trabalhadora à

organicidade da luta social. Nesse contexto, a arte está presente em todos os processos de formação da militância no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, além da incorporação da arte no cotidiano de todos os membros do movimento, compreendendo o papel da arte na luta pela reforma agrária popular.

Como dito, desde a fundação do movimento, a arte tem seu lugar inegável dentro do MST, a começar pela construção de suas simbologias. Tomando como exemplo a bandeira⁹ que hoje representa a luta camponesa brasileira sem terra, símbolo de identidade do movimento, foi elaborada coletivamente durante o 4º encontro nacional em 1987. Como disponível no site oficial do MST¹⁰, a bandeira dispõe o vermelho como cor predominante, representando o sangue e a disposição para a luta, o branco expressa a paz almejada no alcance da justiça social, o preto traz o luto e também homenageia os companheiros que não mais estão presentes nessa vida, o mapa corresponde a nacionalidade do MST e a necessidade da reforma agrária em todo o país, o verde transmite a esperança da vitória em todo território, a trabalhadora e trabalhador demonstra a composição dos membros do movimento e o facão (ultrapassando o mapa do Brasil) manifesta a internacionalização da luta, além de ser a ferramenta de trabalho e resistência dos camponeses sem terra.



Bandeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Retirado de: <https://mst.org.br/nossos-simbolos/>

Presente em todas as mobilizações, assentamentos e acampamentos do MST, a bandeira de luta fez-se um dos maiores marcos artísticos e coletivos dentro do movimento. Contemplando os diversos meios de expressão artística que o movimento, desde sua fundação

⁹Nas discussões sobre arte dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra proporcionadas pelo próprio movimento, das quais tive a honra de fazer parte, o marco da construção coletiva da bandeira sempre foi citado no início da retrospectiva artística do movimento, com carinho e respeito por parte dos militantes. Por conseguinte, considerei também relembrar esse marco tão importante para a luta sem terra brasileira.

¹⁰ Disponível em: <https://mst.org.br/nossos-simbolos/> Acesso em: 10 de julho de 2021

oficial em 1984 (alguns anos antes da criação de sua bandeira), já acumulava em seu corpo militante a estimulação de criações de conteúdos culturais e políticos tendo enquanto alvo a formação, organização e mobilização. Neste sentido, o MST constituiu as Escolas de Artes na região Nordeste e Sudeste, sendo elas espaços específicos para o aprimoramento teórico e prático nas áreas artísticas, possibilitando dias de debates, estudos e oficinas que pensam a arte enquanto método para o desenvolvimento de táticas de resistência, agitação e organicidade, além da socialização de técnicas para benefício da luta operária e camponesa.

Na entrevista “A arte nos torna mais sensíveis e criativos para pensar nossas formas de luta” (MARINHO, 2019) Luana Oliveira, membro do Coletivo de Cultura do MST, expressa a relevância das Escolas de Artes dentro da luta brasileira pela reforma agrária popular dizendo:

Falamos que a arte assume alguns papéis. A arte é animadora, a arte é mobilizadora, organizadora, propaganda e forma, reeducando nossos sentidos, nos faz desenvolver habilidades que o sistema capitalista nos nega. Isso humaniza nossos sentidos de forma geral, que são importantes para o MST que pensa os sujeitos como um todo. (MARINHO, 2019)

E completa afirmando:

Sobretudo nesse momento histórico, em que a arte tem um potencial de diálogo com o povo trabalhador, a gente se vê e se entende como artista, nos possibilita potencializar esse diálogo, bem como na transformação dos sujeitos, no sentido da formação humana.” (MARINHO, 2019)

ASPECTOS DO AGITPROP NA ESCOLA DE ARTES JOÃO DAS NEVES

Batizada no encerramento de seu curso com o nome de João das Neves, a formação contou com 60 participantes de 4 estados diferentes, sendo eles Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A metodologia disposta pela Escola de Artes durante os 13 dias de curso foi repleta de atividades alternativas, cooperando para a máxima entrega e participação dos militantes presentes. A diversidade na rotina de estudos da Escola dispunha de aulas teóricas, debates, avaliação diária dos processos pelos militantes, reuniões em pequenos grupos para discussão e conversa sobre o aprendizado, oficinas de artes visuais, música, literatura, fabricação de instrumento e oficinas de coro cênico repletas de musicalidade e improviso.



Oficina coro cênico com Titane e Sérgio Pererê
Escola de artes João das Neves (Outubro - 2019)
Autor de fotografia desconhecido.

Ao fim da jornada de 13 dias, houve uma apresentação coletiva que abriu a comemoração pela conclusão do curso, no Armazém do Campo, loja de alimentos orgânicos do MST em Belo Horizonte. A apresentação final surgiu a partir de improvisações cênicas que tiveram como provocações temas surgidos nos debates, palavras de ordem, músicas compostas coletivamente por todos os militantes e objetos como cabos de vassoura e enxadas.

Possuindo teor comemorativo, a apresentação não dispunha da pretensão de tornar-se um espetáculo cênico, porém, era de vontade coletiva que a curta cena fosse contemplada pelos processos socializados durante o curso, uma vez que companheiros do movimento e frequentadores do Armazém do Campo estariam presente para o festejo. Para tornar a cena concreta, horas próximas à conclusão do curso foram aproveitadas para fechamento das ações e ensaios.

Os aspectos do teatro de agitprop se tornaram evidentes na exibição da cena construída coletivamente. Destaco sobretudo o início da mesma, momento do ápice de elementos conjuntos derivados da agitação e propaganda. No momento da exibição, os trabalhadores da cena vestiam blusas estampadas com a bandeira do movimento. A apresentação deu-se início do lado de fora do Armazém com todos os militantes portando

cabos de vassoura e enxadas em suas mãos. Contando com sons vocais melódicos emitidos por todo o coletivo, os militantes caminhavam (numa espécie de dança) em direção à entrada do Armazém, em disposição de coro. Estabelecido o local onde o coro concretizaria os demais fragmentos da cena, a letra da música “Madeira” (PERERÊ, 2004) foi vocalizada pelo grupo, sendo ela: “Eu sou madeira/Bruta Madeira/Que o vento derrubou/Eu sou pedra pedreira/Que a corredeira/Do tempo perfurou/” (PERERÊ, 2004), em seguida o coro levantava cabos de vassoura em posição de defesa (ilustrando os trabalhadores sem terra que juntos portam instrumentos de agricultura em diversas ocupações pelo Brasil) enquanto a segunda parte da música era cantada, sendo ela: “Sou da boca do lixo/Do lixo da boca/A fúria mais louca do falador/Sou bicho do mato/A fera de fato/A surpresa do predador” (PERERÊ, 2004).

Enquanto o coro continuava com as vocalizações melódicas que compunham a música, eram entoadas (com as mãos esquerdas dos militantes levantadas) algumas repetidas vezes as seguintes palavras de ordem “MST: por terra, arte e pão!”, “Pátria livre, venceremos!” e “Mulheres em luta semeando resistência!” sem que houvesse a interrupção dos sons melódicos, instituindo um revezamento mútuo entre o grupo. Concluindo as repetições, o coro desligava-se e cada militante colocava-se próximo a alguém do público, ainda contando com os passos dançantes e a sonorização vocal. Enfim os sons melódicos diminuíram o volume, até cessar.



Apresentação para o festejo de conclusão da II Escola de Artes João das Neves (2019)
Armazém do Campo (Belo Horizonte) — Autor da fotografia desconhecido.

O conteúdo apresentado na cena contém aspectos do teatro de agitprop prontamente em sua estrutura dramática, construída coletivamente por não-atores em concordância com a necessidade atual do movimento. Isso faz com que o texto seja flexível e adaptável, tornando-o um objeto para a luta proporcionando sua utilização em diversas outras situações e locais. Essa característica remete imediatamente aos métodos do agitprop, que nunca possui um fim em si mesmo.

Além da dramaturgia, os fragmentos da cena, poderiam (caso fosse necessário) serem separados e apresentados individualmente. A música, por exemplo, conseguiria ser posta em uma cena particular, com diferente disposição espacial, diferente figurino e diferentes outros pontos. A partitura corporal de caminhar quase que em uma dança até o centro do Armazém e levantar os cabos de vassoura seria, com tranquilidade, capaz de tornar-se uma cena distinta. E por fim as palavras de ordem, que possuem a habilidade, sem muitos esforços, de tornar-se uma cena também distinta.

O conjunto de várias cenas breves aliado à capacidade de tornar os elementos daquele agrupamento em cenas diversas, como a entrada e início da apresentação, reitera constantemente o interesse do espectador, sendo esse outro dos principais aspectos caracterizadores de uma obra de agitação e propaganda. A fusão da narração conjuntamente com o canto e a partitura corporal dançante tornou a cena diversa, agindo a favor da exposição de temas complexos de forma dinâmica e orgânica, além de reter atenção, dificultando a dispersão do público. A mistura entre trabalhadores da cena e espectadores mergulha o público diretamente na ação cênica, tal aspecto também provém do teatro de agitprop. Essa união de facetas cênicas faz da cena moldada para o festejo de conclusão uma amostra de agitação e propaganda prática, de uso frequente pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, agregando à batalha dos operários e camponeses a esse tipo de teatro funcional que já tem como berço a luta.

Com isso, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra nasceu e ainda resiste em meio a diversas formas de agitprop durante sua trajetória, ainda que sua metodologia não tenha sido nomeada decisivamente, é constantemente agregada por novas técnicas e conteúdos agitpropistas. O Movimento não apenas se organiza por meio da arte, como investiga e socializa seus meios de produção, potencializando a formação política cultural.

Sendo a política e a coletividade os eixos fundamentais de quaisquer estruturas das diferentes formas do agitprop, sem renunciar a individualidade enquanto sujeito, as criações

de agitação e propaganda devem acompanhar a maneira pela qual se vive, coletivamente e politicamente. Ambas as características são palavras-chave que, não coincidentemente, contemplam com tranquilidade o trabalho do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra pela competência em socializar a luta das formas mais diversas possíveis, gerando desta maneira, a grande e atual potência do encontro entre o MST e o agitprop.

Contudo, a forma teatral abrangente dentro da agitação e propaganda não define estritamente suas criações, tampouco tem como objetivo limitar a exploração de novas formas e o desenvolvimento de novas estruturas, muito menos busca restringir o agitprop à linguagens artísticas, peças, eventos e obras concebidas anteriormente ao período atual. Faz-se primordial ressaltar a afirmação: “Nós devemos reeducar as massas e só o agitprop pode reeducá-las” de Lenin¹¹ (Apud E. H. Carr, 1970, p. 209) onde é evidente o teor político pedagógico dos diversos métodos do agitprop construídos pela classe trabalhadora militante, por inerência agitadores e propagandistas independente da função dentre os afazeres da luta.

A instrumentalização da classe trabalhadora às múltiplas formas do agitprop, às artes no geral e ao exercício coletivo, fortifica a percepção da classe enquanto indivíduos incluídos em um sistema econômico do qual há a incessante busca por apropriar-se da cena e de técnicas artísticas a fim de transformá-las em mecanismo para o estímulo ao consumo desenfreado, culminando em acúmulos e aumentando desigualdades; além do esforço infundo para a disseminação do pensamento hegemônico, distorção ilusória da realidade e a tentativa ininterrupta de desvalorizar o pensamento crítico dialético, empenhando-se em desassociar a esfera política da arte e estética. Logo, para que a agitação e propaganda possa responder em ação ativa a esse bombardeio, faz-se indispensável a leitura crítica de qualquer narrativa provinda da comunicação de massa.

Para dismantelar o projeto de egoísmo instaurado de forma crescente e incisiva, principalmente pelos meios de comunicação audiovisuais de massa como dito anteriormente, o início primordial da agitação e propaganda nesse sentido sempre foi o conhecimento prévio do arsenal do inimigo. Tendo em vista as táticas de jogo do adversário, toma-se enquanto ponto inicial o domínio de suas estratégias, tal como tenta-se realizar no sentido reverso. Dessa forma, não há possibilidade de desvinculação da agitação e propaganda em suas múltiplas formas do seu espaço dentro da construção e manutenção da cultura, que

¹¹(ESTEVA, COSTA, VILLAS BÔAS, 2015 p. 14)

consequentemente é política; parafraseando Lenin¹² (ESTEVAM, COSTA, VILLAS BÔAS, 2015 p. 25): “Uma arte não classista só seria possível em uma sociedade sem classes.”

Em suma, o teatro de agitprop não traz apenas a perspectiva revolucionária desde os primórdios de sua história, como carrega em seu corpo a coletividade e consecutivamente distintas possibilidades de inclusão das outras variadas formas de agitação e propaganda (como cinema, muralismo, rádio, artes plásticas, circo etc). Esse tipo de teatro detém a potência de compor-se, quando convém, de qualquer dimensão estética e artística, sendo um caminho rico para ser explorado pela luta operária.

Diante do exposto, estranho seria desunir o teatro de agitação e propaganda do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, uma vez que ambos mantêm profundos e longos objetivos e fundamentos em comum e quando congregados caminham, inegavelmente, ao enriquecimento da luta na instância política, organizativa, cultural, pedagógica, metodológica e formativa.



Corpo discente no encerramento da II Escola de Artes João das Neves.

(Armazém do Campo, Belo Horizonte, outubro de 2019)

Autor da fotografia desconhecido.

¹²Lênin sobre literatura e cultura partidária em uma intervenção publicada no *NovayaZhizn n.12* (jornal do Comitê Central do Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Russos) 1905 retirado de (ESTEVAM, COSTA, VILLAS BÔAS, 2015 p. 25)

REFERÊNCIAS CITADAS

ESTEVAM, Douglas, COSTA, Iná Camargo, VILLAS BÔAS, Rafael (orgs.). *Agitprop: cultura política*. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 197 p.

HELENA, LUZ. *Arte para revolucionar: Juventude Sem Terra e a cultura no MST na Batalha das Ideias*, 2019. Disponível em: <<https://mst.org.br/2019/08/11/arte-para-revolucionar-juventude-sem-terra-e-a-cultura-no-mst-na-batalha-das-ideias/>> Acesso em: 06 de julho 2021

LÊNIN, Vladimir I. *Que fazer?* São Paulo: Hucitec, 1979.

MARINHO, Gustavo. *A arte nos torna mais sensíveis e criativos para pensar nossas formas de luta*, 2019. Disponível em: <<https://mst.org.br/2019/02/14/a-arte-nos-torna-mais-sensíveis-e-criativos-para-pensar-nossas-formas-de-luta/>> Acesso em: 06 de julho de 2021.

MITTELMAN, Tania. *A arte no Coletivo de Cultura do MST (1996-2006)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFF – Curso de Pós-Graduação em História, 2006.